

4. 1. 1. 1.
art 01/90

120/3337
D.P.

Ives Gandra da Silva Martins

A GERAÇÃO DE QUARENTA E CINCO - IRÊS PAULISTAS

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

Pierre Francastel, ao falar sobre a História da Pintura Francesa da Idade Média até o século XX, melancolicamente, em 1955, escreveu: "Par conséquent, cet ouvrage possède bien son unité, se proposant de retracer, dans les limites de France, le développement d'une forme déterminée de la peinture dont le déclin sinon la mort est en tout cas certain" ("Histoire de la Peinture Française", Ed. Elsevier S/A, Paris, vol. I p. VIII). Trinta anos depois, Charles Jencks contestava o prognóstico de Francastel, ao verificar o vigor do movimento Pós-Modernista, nestas palavras: "Like the modernists before them they are sometimes divided over essential issues: whether their activities and programmes represent a fundamental break with the recent past and a negation of modernism, or alternatively, a reweaving of this tradition with strands of western humanism. This book argues the second position" ("Post-Modernism", Rizzoli, New York, 1987, pg. 7).

Embora dedicassem, os referidos autores, a pesquisar mais a pintura que outras manifestações

artísticas, à evidência, exteriorizavam sua particular visão sobre essa tendência inata do homem na busca de valores permanentes e, entre eles, o valor da beleza, a que Sócrates, pela pena de Platão, se referia como "oferenda dos deuses".

O que cabe, todavia, realçar, nas duas manifestações, é a aguda observação de Jencks, ao dizer que a reação contra o modernismo não foi apenas uma reação negativa, mas, ao contrário, uma reação positiva de redescoberta dos verdadeiros valores da civilização ocidental. Em outras palavras, Jencks ensina que os valores permanentes podem sofrer impactos de movimentos autênticos e insurrecionais, mas aquilo que é permanente sempre volta com coloração nova, com densidade superior, sem perder o viço, a formosura, a exuberância que o passado lhe empresta.

Recorde-se a afirmação de René Cassin de que os direitos fundamentais do homem não existem apenas porque a história os foi selecionando e, a partir de sua repetição por ordenamentos jurídicos, ganharam foros de perpetuidade, mas porque são eles inerentes ao ser humano. Não é a visão historicista-axiológica que os justifica, porém a sua própria inerência à condição humana, razão pela qual os homens não os criam, mas apenas os reconhecem. O que quis dizer o grande jusfilósofo é que há valores inerentes ao ser humano que têm perpetuidade, não por força de um fenômeno repetitivo, mas porque penetram e concernem a própria estrutura do ser humano.

O direito à vida não é um direito que o Estado cria. É um direito, que me pertence, por ter nascido homem, cabendo ao Estado apenas criar os mecanismos para respeitá-lo. Mas este poder de legislar não altera a inerência que pertine à essencialidade desse máximo direito natural.

É que aquilo que está de acordo com a natureza das coisas é permanente. E o que a contraria, por mais brilho que tenha, o brilho é fugaz e desaparece. Com maior ou menor velocidade, mas desaparece.

Tais considerações preambulares faço-as para falar sobre o movimento de 1945, cujas raízes fincadas estão nos permanentes valores da civilização ocidental e cuja perenidade decorre dessa opção pela conformação de liberdade reconstrução peculiar à época, exteriorizada em rigorosa veiculação formal, abandonada a tentação de soluções fáceis, que na incompreensão e na originalidade encontram sua única e efetiva realização.

O Movimento de 1945, ao contrário de determinadas correntes modernistas, é um movimento de revalorização do permanente e por essa razão termina por influenciar toda uma plêiade de escritores de inquestionável envergadura.

A geração de 45, no campo da poesia, permite, pois, o restabelecimento desses valores

indestrutíveis veiculados em forma vernacular irrepreensível. A poesia é, por excelência, a expressão verbal de exaltação da sensibilidade artística do ser humano. A prosa, nas mais variadas formas pode -e deve ser- mais ampla e mais abrangente, porém nunca atingirá o nível de desvinculação da realidade diuturna para os espaços sem fronteiras da sensibilidade interior. Nenhum cavaleiro pode ser mais veloz que seu corcel. Nenhum poeta pode ser mais sensível que a sua própria capacidade de expressão. Por isto, a poesia apenas ganha dimensão de permanência, na medida em que é veiculada por imagens, que não se desgastam no tempo, nem desaparecem nos modismos dos fogos fátuos, cuja breve explosão é logo esquecida. O tempo tem demonstrado que a procura de valores permanentes é aquela procura que não morre. A poesia clássica é sempre moderna em sua adequação à época, diferentemente da poesia antiga, que só é moderna no curto período histórico em que foi produzida. Ptolomeu, é um cientista antigo, porque acreditava ser a terra o centro do universo, embora sua teoria fosse considerada moderníssima à época. Copérnico é um cientista clássico, pois o tempo não desfigurou sua teoria heliocêntrica.

A geração de 1945 representa exatamente esta presença do clássico no moderno, do eterno no atual, do perpétuo no cotidiano. As suas três facetas (a de feição greco-romana, a intelectualizada e a lírica-nacional) rompe, na pureza do vernáculo, a estrutura de um modernismo superado.

É neste contexto que a relevância do movimento ganha "definições definitivas". Atinge píncaros desconhecidos. Afasta o falso brilho de imitação dos "ismos" europeus para revalorizar, dar novo sentido à arte poética, à luz de um rigoroso domínio das formas clássicas, da veiculação metrificada ou melodicamente livre, sem temer as preconceituosas críticas dos que eram efetivamente modernos ou daqueles que, à falta de maior talento, na distorcida exteriorização de uma arte sem parâmetros, encontravam seu caminho natural, pela impossibilidade de assumir outros.

É este, indiscutivelmente, o mérito superior do Movimento de 1945, posto que reconduz a grandiosidade do rio artístico a seu leito natural, não permitindo que a enchente continuasse a flagelar a terra já semeada de suas margens, provocando insuspeitados desastres nos leitores desavisados.

Não me deterei a falar mais sobre 45. Nem mesmo sobre seus poetas, visto que Bueno da Rivera, João Cabral de Melo Neto, Domingos Carvalho da Silva, Lêdo Ivo, Geraldo Vidigal, Antônio Rangel Bandeira, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Alphonsus de Guimaraens Filho, Darcy Damasceno, Marcos Konder Reis, José Paulo Moreira da Fonseca, Afrânio Zuccolotto, Afonso Félix de Souza, Cyro Pimentel, Geir Campos Thiago de Mello, Mauro Mota, José Santiago Naud, Fernando Ferreira de Loanda, Maria da Saudade Cortesão, Octávio Mora, Homero Homem e José Paulo Paes Fúlvia, todos eles exerceram

influência decisiva na conformação de sua perpetuidade. Deter-me-ei apenas a falar sobre 3 deles, embora pudesse exaltar cada um daqueles pioneiros, como, por exemplo, Cyro Pimentel em sua admirável "Paisagem Céltica". Destes 3, por outro lado, nada falarei a respeito de suas biografias, de seus valores humanos, culturais, artísticos, científicos, eis que são por demais conhecidos.

Examinarei, sim, alguns de seus poemas e, principalmente, a maneira como os senti, certo de que a realidade fenomênica da arte se estabelece fundamentalmente da relação estável que provoca entre o artista produtor de belezas e aquele que as recebe.

Falarei, portanto, dos aspectos sensoriais da obra de Péricles Eugênio, de Domingos Carvalho e de Geraldo Vidigal, três das grandes expressões do movimento, em face da impossibilidade de falar sobre todos, pelas próprias limitações de um singelo estudo.

Comove-me, nos 3 poetas que escolhi, sua insuperável capacidade de valorização do insuficiente. De assunção do corriqueiro para outorgar-lhe "status" de eternidade. De aformoseamento de fatos irrelevantes que passariam despercebidos ou se constituiriam em veloz momento de vida e esquecimento.

Péricles Eugênio da Silva Ramos, em "Epitáfio" escreve:

"As ondas nascem,
as ondas morrem,

num só minuto;

mas o pensamento
pode eternizá-las.

As rosas nascem,
as rosas morrem;
mas o pensamento
pode concebê-las imortais.

Por isso eu vos tirei do mar,
ó vagas!

Por isso eu vos tirei do lodo,
ó rosas!

Porém vos fiz etéreas, flamejantes,
para brilhar sobre a poeira em que
me tornarei".

Preciso dizer mais sobre esta densa faculdade com que pereniza o instantâneo? O que eterniza o momento fugaz, senão o pensamento? O pintor, numa pintura, torna estática sua percepção do que pinta. Eterniza, mas não dinamiza o que vê. E não pode expressar o que vê além das próprias limitações das cores e do pincel. O poeta, não. Retrata, como o pintor, torna melódica a idéia como o compositor, mas dá o tom de fluência, de complemento final, por poder expor o que deseja expor. Nascem as ondas, num só instante, as rosas morrem, o pensamento, todavia, eterniza umas,

torna imortais as outras. E a origem está no mar, está no lodo. Vale a onda mais do que o mar, vale a rosa mais do que o lodo, pois na busca do poeta, restarão para sempre, mesmo depois que em poeira o poeta se transformar.

Há necessidade de dizer mais?

E em Rosa Extinta, Domingos Carvalho da Silva, retornando ao inesgotável tema das rosas, salmodia:

"Morreu a rosa. Era branca,
rubra, celeste ou grená?
Deixai-me ver o seu corpo,
quero a cor da rosa morta.

Tinha um aroma tão forte
como o insenso, como o oceano.
Seu perfume é espírito eterno,
sobrevive à rosa extinta.

Morreu a rosa. Era virgem,
amante do sol, do mar,
ou Canaã das abelhas
em seus delírios de mel?

A indagação permanece. A eterna busca. A procura incessante. A caminhada infatigável do poeta em busca das respostas. A rosa. O eterno tema da rosa. A cor da rosa é importante. Por que de uma rosa morta procura o poeta a cor? Cor da pureza, cor branca. Cor da vida, cor da luta, cor vermelha. Cor de espaços iluminados, que é a cor

celeste, azul do céu ou grená, cor da morte que tudo encerra e termina.

E o aroma, que já não se sente, porque o corpo da rosa é morto. O aroma apenas atinge a lembrança do poeta. E, na lembrança, o poeta valoriza o que não mais existe e torna eterno o perfume.

E a dúvida? Permanece sobre a rosa não possuída. A rosa mistério continuado. A rosa de todos os tempos. Ora, virgem, ora ignóbil. Como era a rosa morta? Era pura ou decaída?

E a resposta ao mistério, Domingos a dá nestes versos de rara formosura:

"Rosa de estranho mistério
pulverizada ao infinito,
a morte sorveu o perfume
que a noite desfez no espaço.

Quero, no agudo momento
do meu regresso ao não-ser,
fundir meu sangue e tua cinza
no mesmo pó que alimenta
princesas, navios, fadas,
crenças, poemas cada falsos:

no mesmo pó que liberta
para a suprema igualdade!

O mistério nada vale. O poeta é um semeador de esperanças. O poeta transcende a própria vida. O

mistério da rosa pouco importa. O que importa é a fusão da eternidade. O que importa é a transcendência do espaço, do tempo, da vida. O que importa é a igualdade final. O que foi já não importa. Se a rosa machucou, feriu, foi injusta. Se a rosa foi pura, delicada e formosa. Se fez o bem ou fez o mal. Pouco importa. O poeta nunca nada recebe. O poeta é um doador universal. E é esta doação que gera a igualdade do sofrimento.

E Geraldo Vidigal também cede ao encanto das flores e indaga, como Domingos e como Péricles, sobre o sentido do canto, sobre o sentido da vida, sobre o sentido do fim:

"Vês que teu sonho esmorece
E, em silêncio, te aniquilas.
Em torno, as águas tranquilas
Se fazem cascata em flor.
E, como se o torvelinho
Teu sorriso arrebatasse,
Morre o sol, em tua face
De girassol fascinado:

- Chegou tua vez, Maria,
De ver a morte do sol".

Quem, na vida, já não sonhou estrelas e já não foi rei do Universo? Quem, na vida, já não teve sonhos como Dalmo Florense que assim o retratou:

"Maneco não era o tipo
Que se pode imaginar,
Pintou a lua de verde

Depois não sabia amar.

ou não viveu como Carlos (meu pseudônimo de adolescente):

"O Carlos foi um dos tipos
Que o Maneco conheceu
Viveu a vida sonhando
Num sonho que não viveu".

A alusão aos dois poetas (Carlos e Maneco), amigos de Vidigal, que seguiram sua escola e tiveram os mesmos ideais, as mesmas dúvidas e os mesmos desencantos, é porque, melhor que os dois, Geraldo conhece como os sonhos fenecem.

Os sonhos, todavia, quando morrem, eles morrem para dentro. Eles morrem no coração. Eles morrem, à luz da indiferença das coisas, das pessoas, da existência. O mundo pode estar até mais acolhedor, quando os sonhos desaparecem. As águas podem estar tranquilas e formarem cascatas em flor, mas o sonho não mais existe. O sonho dos impossíveis, quando o sonho se esfumaça, quando o sonho morre por dentro, o poeta se despedaça e não compreende o instante. E sofre e compõe. E o sonho da mulher amada é o sonho que mais machuca. Machuca quando aparece e fere quando envelhece.

O sol que morre na face do girrasol fascinado, levado no torvelinho de um sorriso arrebatado. Assim pressente o poeta, que o tempo descompassou e quando o tempo descompassa, já não é tempo de

vida. Chegou o tempo da morte.

São 3 poemas simples. Tratando de coisas simples. Falando de coisas simples, com toque de permanência.

É a isto que chamo revalorização do insuficiente, a volta às formas permanentes, por mais diversos que sejam os fatos. Neste campo, o homem não chega a ser tão original que não respeite momentos de glória, nem seus momentos de inércia, através das gerações e através da história.

O movimento de 1945 teve este mérito extraordinário de voltar a transformar a poesia na arte da sementeira, na transcendência da essência, no retorno ao jardim de idéias, sendo o poeta o supremo jardineiro.

Nem por isto os temas da fantasia deixaram de ser tratados com a pureza e o esmero próprio dos que dominam a forma para melhor veicularem sua sensibilidade poética.

Domingos Carvalho da Silva bem demonstra este seu fascínio pela fantasia, ao escrever:

"Nasceu da terra. Seu corpo,
feito do limo das grutas,
surgiu cavalgando um rio
por uma estrada de luas.

Através de ondas agrestes
de um oceano vegetal,
de onde acenavam aos olhos
ilhotas de manacás,

alcançou o colo das praias
que a mão lasciva do mar
aperta, despe e mergulha
em seu aroma de sal".

Que é um corpo feito do "limo das grutas" ou
que é "cavalgar um rio" por "uma estrada de luar"?

Em 1965, com o pseudônimo de "Cacambo", concorri a um torneio de poesias, intitulado "1ºs. Jogos Florais Luso-brasileiros". Ganhamos, Domingos e eu, o 1º prêmio, embora nunca o tenhamos recebido (uma viagem a Portugal). Tendo concorrido com o poema "Marabá" aventurei-me por imagens, sem o brilho de Domingos, nesta linha do sideral, dos caminhos estelares, das rotas cósmicas do espaço vazio e do irreal. Domingos valoriza cada imagem, cada palavra, cada idéia. Impacta, com a colheita que faz da grandiosidade dos corpos astrais ou dos biológicos elementos terrenos, o seu lirismo transbordante do pequeno para o majestoso e cria metáforas comoventes como aquelas a que me referi ou como esta: "a mão lasciva do mar aperta, despe e mergulha em seu aroma de sal".

O mar não tem mãos lascivas? Os corpos que ele acaricia por vezes não sentem tal sensação? Talvez

nunca tenhamos percebido que o mar tem mãos lascivas e Domingos descortina tal verdade. E que é o aroma do sal? Que perfume tem o oceano? É cheiro forte de vida ou odor que aproxima da morte?

É tentação para a vida, mas caminho certo de morte e Domingos, quando o retrata, fala do corpo da amada levado para as ilhas sem fim. E canta o seu canto assim, dizendo ter para sempre "a morte dentro de mim".

E quando grita:

"Cavalos já foram pombos
de asas de nuvem. Um rio
banhava o rosto da aurora.
Cavalos já foram pombos
na madrugada do outrora.

Onde há florestas havia
golfos oblongos por onde
tranquilos peixes corriam.
Uma lua alvissareira
passava à noite. E deixava
reticências de cometa
vagalumando na relva
das margens, até à aurora
da Idade de Ouro do outrora,
quando cavalos alados
tinham estrelas nas crinas,
alvas como asas de pombo".

Não dá um tom épico ao passado? Cavalos já foram pombos? Cavalos alados, como nos contos da

infância, que correm espaços sem fim, que pulam cercas e mundos, são assim os seus cavalos, os cavalos do Domingos. Este toque transcendente, imaterial, transespacial e transtemporal descortina a poesia de Domingos nas terras da fantasia e mostra o quanto a forma dominada faz mais lindo o instante poético.

E Geraldo Vidigal, quando escreve?

"Entre brilhos de lanternas
E fantasmas de montanhas,
A luz da Estrela Polar.

Vultos, em rondas estranhas,
Cercam soturnas cavernas,
Onde reza, envolta em bruma,
A alma contrita do mar.

Sobre os destroços das ondas,
Como um soluço de naufrago,
Esparso em bolhas de espuma,
Meu delírio de te amar".

As montanhas têm fantasmas? E a "estrela Polar", pode iluminá-las? E quais são os vultos, que cercam as soturnas cavernas, onde as águas do mar penetram, revelando a própria alma? São os versos do Geraldo? São eles que descortinam a alma contrita do mar? São eles que desvendam os fantasmas das montanhas? São eles que alcançam a própria Estrela Polar? Como é a alma do Mar? É

alma que tem destroços? Pois é o mar feito de ondas e as ondas sempre destroçam. E ondas que se destroçam encontram soluços de náufragos? E as bolhas das espumas? Onde ficam as bolhas das espumas, se as ondas que se destroçam têm os soluços dos náufragos? Assim flui o poema de Geraldo. É o poema fascinante, extasiante, abrangedor, que penetra todas as fibras de sua alma de poeta. Seus versos têm estes ares marítimos e celestes, montanheses e misteriosos, porque é a sua forma delirante de amar.

Péricles não fica atrás. Percorre a mesma estrada dos astros e oceanos, de flores e escunas.

"Última Thule, escuna murmurante, ó lua,
estrema salvação!

Veleiro de esperança para náufragos soturnos,
bem sei, navegas pela crista do horizonte,

a quilha nas espumas, gávea iluminada, proa
redentora,

Última Thule, rosa branca sobre as ondas ...

Navegas ...

Porém eu, à beira-mar, nas ilhas do repouso,
-vergeís tranquilos pela areia desatados-
colhendo luas quando colho rosas,
guardo sem receio, ao som de águas e
frondes,
que num rolar de mundos finde a leu que me
envolveu.

Não reconheço auroras,
não me inquietam vendavais,

nem penso, amargo, no rebanho de meus dias:
altivo, ó lua, és para mim
somente a rosa branca,

a rosa a que no altar sagrei minha
existência;
e enquanto espero o instante da certeza,
sinto que posso oferecer-te as horas que me
restam,
como se erguesse para as nuvens pétalas sem
mancha ...".

Não tem, no seu pensar poético, a mesma
preocupação das imagens grandiosas dos corpos
siderais, dos elementos monumentais que formam a
crosta planetária?

A escuna murmurante é a lua, um verdadeiro
veleiro, que lança esperança. Que espécie de
esperança podem ter náufragos soturnos? Os
náufragos têm-na sempre, porque desejam encontrar
a salvação um dia. Não há, pois, contradição entre
o náufrago soturno e o esperançoso, e o veleiro
que vem para salvá-lo desde a crista do horizonte.
O que importa é a imagem. O horizonte não é apenas
uma linha. Ele tem uma crista. Ele está lá no fim
do encontro entre o céu e a terra. Ele une o céu à
terra e nesta união desenha a própria linha, que
ganha a dimensão da ilusão que o termo propicia. O
horizonte faz a crista e é a crista que se vê na
esperança.

E o poeta ultrapassa tais barreiras, sem nenhuma
aurora, sem temer vendavais, sem se aprisionar aos

pensamentos, que são o rebanho de seus dias e vê na lua, que é uma amazona dos espaços siderais, a sua rosa branca.

E esta rosa que ele sagra, nos seus sonhos, no tempo que lhe resta, pois que todos somos condenados à morte, como pétalas sem mancha, na ilusão sem limites deste mundo.

Como se percebe, qualquer que seja o poema dos três magníficos pioneiros do Movimento de 1945, os pontos comuns têm a variedade da unidade, a essência da diversidade, a integração do tema universal à individualidade que os torna, cada um, modelo vivo de poesia moderna redimida por uma forma construtiva.

Poderia escrever, indefinidamente, sobre os versos de cada um dos 3 poetas ou de outros excelentes representantes do Movimento. Prefiro, todavia, encerrar este estudo com mais uma perfunctória excursão para o poema épico, patriótico, que marca a obra dos 3 inspirados talentos da geração de 1945.

Sobre Geraldo não quero falar de sua experiência durante a 2a. guerra mundial. Basta ler, sem comentar, este exemplo de realismo, de profundidade, de humanismo e de heróica devoção dos soldados, que são aqueles que terminam pagando pela insensatez dos governantes. A guerra, como dizia Clausewitz, não é apenas o começo de um

Ives Gandra da Silva Martins

tempo em que a diplomacia termina. Mais do que isto, é a própria consagração do irracional. Os guerreiros são autômatos executando o "rito do absurdo", com que homenageiam, sem vontade, a embriaguez dos poderosos. O lirismo filosófico e de transcendental densidade, percebe-se nesta poesia de Geraldo:

"Cem homens heterogêneos
Erguem fuzís contra a noite
E o silêncio hostil da noite
Enfrentam, sem vacilar.

Cem fantasmas solidários,
Cada qual com sua história;
Um que luta pela vida
E um que luta pela morte.
Um que luta pela Pátria
E um que luta pela glória.
Um que luta pelo filho,
Um que luta pela noiva,
Um que luta pelo mundo,
Um que luta por vingança
Um que luta por lutar.

Cem homens numa trincheira,
Cada qual com sua guerra.
Cem homens de braços dados,
Cada qual com seu mistério.
Cem homens dentro da noite,
- Cada qual com sua noite
Sem luar".

É, todavia, em Tietê, que este patriotismo esperançoso, repleto de amor à terra, à gente e ao

símbolo dos paulistas é realçado por Geraldo ao escrever:

"Se eu tivesse que ser um rio
- Então eu queria ser
Como você, Tietê:
Nascer em terra paulista,
Viver em terra paulista,
Cantar em terra paulista
Desde o berço e até morrer.

Nós dois somos bandeirantes, Tietê:
Mas você é tão mais velho do que eu,
Que teve a felicidade
De beijar minha cidade
No dia em que ela nasceu:
Você carregou pirogas,
Matou sede de Anchieta,
Batizou a mamelucos,
Inspirou Fernão Dias Leme
- E soube do Rio das Mortes
No dia em que aconteceu.

Ah, Tietê!
Estes apitos de fábrica,
Estes apitos de trem.
Este côro de ruídos citadinos
Me embalaram no meu berço:
Mas, muito antes, saudaram você, também.
- E os cafezais que eu conheço.
Quando estavam na semente,
Beberam na terra roxa
Essa viva seiva bandeirante
Que vem de você, Tietê".

Nós, somos, em verdade, todos, novos Tietês da gente Bandeirante. Nossos horizontes são o

universo de nosso rio que, hoje, nos leva, como no passado, às dimensões continentais de nossa terra. O Brasil é fruto de portugueses e paulistas e o Tietê foi o caminho que a gente do planalto encontrou para oferecer o presente dos presentes à nação brasileira. Todos os cidadãos nascidos além das Tordesilhas, devem gratidão ao povo de São Paulo e ao Tietê, que Geraldo Vidigal exalta, com o amor poético de quem tem o orgulho indomável e insuperável de ser paulista. Sou paulista e por isto amo o Tietê. O meu Tietê. O Tietê de todos nós. Do passado e do presente. O Tietê dos bandeirantes. O nosso Tietê.

E Domingos tem ares de descortínio, quando canta:

"Campos de flores da Moldávia!
Olivais de Andaluzia!
A vida -mar de sargaços-
João de Deus, que é feito dela?

Onde está o condor dos Andes,
dono de cem eldorados?

Singrando o mar, sobre as vagas,
há três barquinhos à vela.

Tremei, ó bravos aztecas,
que há três barquinhos à vela.

Ó virgens maias, fugi,
que há três barquinhos à vela.

Ó ilhas de Guanahani,
os montes Rochosos tremem!

Pudera! Que quer Colombo
com três barquinhos à vela?".

A epopéia de Colombo com três barquinhos à vela. Conquista um continente com três barquinhos à vela. Descobre um mundo de povos com três barquinhos à vela. E todos temem Colombo com três barquinhos à vela. O contraste marca o verso. A missão é desproporcional ao tamanho dessa frota. Santa Maria, Pinta e Nina são os três barquinhos, que ganham dimensões fantásticas nas palavras de Domingos.

Péricles, quando de um poema de Simônides de Ceos, escreve sobre as filhas dos corcéis dos pés de tempestade:

"Rilhando os dentes, mordendo
os freios espumejantes,
o olhar de chispas selvagens
iluminando as montanhas,

trotai, ó vós, implacáveis
em vossa tranquilidade
de antropófagas e amantes;
serenas, mas demoníacas;

sangrai as patas marinhas,
cascos de vento, relinchos
partindo um mundo que cai
(galopes de há dois mil anos)
como um teto de cristal.

Nem ar, mas sois mais presentes
do que este céu que desaba;

mais presentes, ó sagradas,
do que esta vida sem nexo;

mais presentes, mais presentes,
(nem ar!) do que estes fragmentos
que nos ferem, que nos cortam
como lâminas abertas.

Suaves éguas, trotai!".

Os versos lembram a linguagem de Antonio Nobre, quando falava sobre as raparigas que passavam à distância e traziam a lembrança dos tempos pretéritos. A beleza das imagens e a lembrança heróica dos tempos das lendas gregas inspiram os versos melódicos, com a grandeza de uma cavalgada das Walkírias, em que as éguas são tranquilas e implacáveis, antropófagas e amantes, serenas e demoníacas. Que têm as patas marinhas, que têm os cascos de ventos e relinchos que estilhaçam os cristais. Quanta lembrança! Quanta saudade! E o tempo dos gregos faz-se presente, hoje e sempre.

Quanto mais me debruço sobre a obra desses gigantes, que, com outros, construíram o Movimento de 1945, tanto mais que encanto com sua

inspiração. É inesgotável, nos 3, a riqueza dos contrastes, o controle absoluto da expressão poética, a certeza de que, na redescoberta dos valores eternos, está a essência da poesia. Nada melhor, portanto, do que, quarenta e cinco anos após, homenagear, como homenagem, o Movimento de 45, escrevendo, com as

limitações próprias de um modesto advogado e verzejador, sobre as figuras gigantescas de Domingos Carvalho da Silva, Péricles Eugênio da Silva Ramos e Geraldo de Camargo Vidigal. Que a semente de suas obras continue a gerar frutos, como de semeador que semeia em terra boa. Que do ventre desta terra saia encanto e gratidão. E termino, como Vieira, no Sermão da Sexagésima, lembrando a parábola evangélica. A obra da geração de 45 "Fecit fructum centumplum".

- fim -